

I Workshop dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem

VIDA E MORTE NA MATERNIDADE: PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Linha de Pesquisa: Enfermagem e saúde materno-infantil

Responsável pelo trabalho: GONÇALVES, A. M.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG.

Nome dos Autores: Aline Mara Gonçalves; Sueli de Carvalho Vilela.

RESUMO

Introdução: Os serviços de saúde de obstetrícia são direcionados à assistência ao nascimento, relacionando-se com a vida em detrimento da morte. Dessa forma, a ocorrência de tal fatalidade torna-se difícil de vivenciar até mesmo para os profissionais envolvidos. **Objetivos:** Compreender as vivências do prazer e de sofrimento no trabalho de profissionais da equipe de enfermagem obstétrica relacionadas à dualidade morte/vida na maternidade. **Método:** É um estudo qualitativo, realizado por meio de entrevistas abertas, com 14 profissionais da equipe de enfermagem da maternidade de um hospital filantrópico Sul de Minas Gerais. A coleta de dados aconteceu no segundo semestre de 2016 após aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Alfenas, sendo que o estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin. **Resultados e Discussão:** “Trabalhar com vida” foi encontrado como um Núcleo de Sentido relacionado ao prazer no trabalho e o núcleo “Perdas”, relacionado ao sofrimento laboral. **Conclusões:** O trabalho envolvendo nascimentos e vida é visto pelos profissionais como prazeroso, ao passo que a ocorrência de óbitos causa sentimentos de impotência e frustração.

Palavras-chave: Prazer; Sofrimento; Trabalho; Morte; Enfermagem Obstétrica.

INTRODUÇÃO

A organização dos serviços que prestam cuidados às mulheres/casais em serviços de obstetrícia está direcionada para o nascimento de uma vida e não para lidar com a morte. A autora aponta que os profissionais desses serviços estão habituados a lidar diariamente com o nascimento de novas vidas em detrimento de outros setores onde as patologias e morte são mais recorrentes (MONTEIRO, 2012).

De acordo com Ampese, Perosa e Haas (2007), ao considerar-se que as expectativas criadas durante a gravidez são de continuidade da vida e nunca de morte, quando confrontados com uma perda gestacional os indivíduos envolvidos sentem-se

I Workshop dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem

enganados. No nascimento inicia-se um ciclo vital e sabe-se que o mesmo findará com a morte, mas nem sempre essa sequência é lógica e, algumas vezes, a morte surge de forma inesperada, sendo dolorosa e frustrante. Os autores completam que a nestes casos, a morte, representa uma perda dupla, não só pela morte em si, mas pela quebra de expectativas depositadas na gestação, sendo um assunto delicado e difícil de vivenciar até mesmo pelos profissionais.

Dessa forma, torna-se necessário pensar também no cuidado de quem cuida. As vivências no trabalho irão influenciar a dinâmica do prazer e do sofrimento laboral dos profissionais de enfermagem. Assim, quando o trabalhador vivencia seu trabalho com prazer, isso repercute de forma positiva nas atividades que realiza. De forma análoga, quando em sofrimento, o mesmo pode ter dificuldade de ser continente em relação ao sofrimento do outro, refletindo de forma negativa na assistência prestada (GLANZNER; OLSCHOWSKY; KANTORSKI, 2011).

Assim, surge o interesse pela temática proposta com base na escassez de estudos que abordassem as reflexões desses profissionais sobre o tema e qual o impacto das mesmas em sua saúde psíquica. Visto que, a mobilização necessária para as transformações das situações dolorosas do trabalho em situações saudáveis pode ser mediada por tais reflexões (DEJOURS, 2008).

Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo compreender as vivências do prazer e de sofrimento no trabalho de profissionais da equipe de enfermagem obstétrica relacionadas à dualidade morte/vida na maternidade.

MÉTODOS

É um estudo qualitativo, realizado por meio de entrevistas abertas.

Os participantes foram 14 profissionais da equipe de enfermagem da maternidade de um hospital filantrópico de médio porte de um município do Sul de Minas Gerais; entre eles, enfermeiras obstétricas, técnicas de enfermagem e auxiliares de enfermagem.

A coleta de dados aconteceu no segundo semestre de 2016 após aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Alfenas, sendo que o estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

I Workshop dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem

As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados os Núcleos de Sentido relacionado à temática “Trabalhar com vida” e “Perdas”.

As profissionais entrevistadas apontaram o fato do trabalho em obstetrícia envolver predominantemente vida e saúde em detrimento da morte e patologias. As falas abaixo evidenciam essa percepção.

“É muito prazeroso, é vida, é muito bom!” ENF 1

“Você vê só vida, dificilmente tem assim... morte né. Muito raro, então, aqui, nasce!” TE 4

Pode-se perceber, por meio das falas, que a vivência de perdas e morte são raras na maternidade, o que gera prazer nas participantes. Segundo Monteiro (2012), devido os avanços tecnológicos houve um declínio das mortes fetais, uma vez que estes permitiram uma visualização pormenorizada e rastreamento das complicações durante a gravidez e parto. Todavia, apesar de cada vez mais raras, estas situações continuam a acontecer, envolvendo um quadro de dor e drama que dificulta a atuação dos profissionais de saúde que não se sentem preparados para lidar com a morte num ambiente em que diariamente surgem novas vidas.

Segundo Martins, Robazzi e Bobroff (2010), os profissionais de enfermagem são preparados, desde a sua formação, para salvar vidas, o que muitas vezes não ocorre, gerando vivências de sofrimento.

Dessa forma, pode-se inferir que o trabalhar na maternidade, locus onde se trabalha mais com a vida, e, geralmente, saudável, torna o trabalho mais prazeroso em detrimento de outros setores onde os profissionais convivem diariamente com patologias e morte.

As participantes apontaram os momentos de perdas e morte dos pacientes como sendo a principal causa de sofrimento no trabalho.

De acordo com Ampese, Perosa e Haas (2007), à medida que se caminha pelas várias etapas do ciclo de vida, aproxima-se do incontornável destino que é a morte. Todavia, quando inesperadamente a morte inverte o ciclo vital, esta se afigura habitualmente como um cataclismo na vida das pessoas. Ao considerar-se que as

I Workshop dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem

expectativas criadas durante a gravidez são de continuidade da vida e nunca de morte, quando confrontados com uma perda gestacional os indivíduos envolvidos sentem-se frustrados.

Esses sentimentos foram observados na fala a seguir:

“Me trás sofrimento quando eu tenho perda, é difícil ter. Você não consegue salvar a vida de uma paciente, isso é frustrante. Ou quando uma mãe perde um bebê, isso é doloroso.” TE 2

Nas falas as participantes demonstram sofrimento em situações de perda como óbitos neonatais, óbitos fetais ou até maternos. Lidar com o sofrimento a dor dos indivíduos e a convivência com a morte, segundo Santana et al. (2010), pode levar os profissionais a um crescente desgaste, decorrente do trabalho, pois isto contraria os seus objetivos que é o de salvar vidas; gerando sofrimento aos mesmos.

O sentimento de impotência vem sublinhado as perdas como vemos na fala da TE 1.

“Tem algumas coisas sim, que me trazem sofrimento, que eu fico abalada. Geralmente acontece você vê um aborto, ou assim uma criança que já está praticamente, às vezes, formada para nascer... é sei lá, essas coisas assim que você acha que às vezes poderia ter feito diferente, poderia ter usado outra conduta assim, médica ou sei lá, às vezes falta de assistência para o paciente. Acho que assim.” TE 1

Segundo Monteiro (2012), o nascimento de um bebê morto evoca certo sentimento de culpa na própria equipe de obstetrícia, a partir do qual, há um questionar da própria atuação. O estudo realizado pela autora sobre vivências da enfermeira obstétrica na perda gestacional e processo de luto apontou sentimentos de frustração e impotência. Frustração por lidarem majoritariamente com a vida e não estarem preparados para enfrentar situações de morte gerando ideia de falha na atuação e impotência pela ideia de que poderia ter feito mais.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que, os profissionais de enfermagem vivenciam como prazeroso o fato da maternidade ser um lócus majoritariamente de saúde e vida. No entanto, quando ocorrem situações que envolvem óbitos, esses profissionais sentem-se frustrados e impotentes o que gera sofrimento laboral.

Sugere-se então, capacitações e espaços de discussão para que esses profissionais possam desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes para lidar com

I Workshop dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem

essas situações. Ressalta-se que mesmo sendo raras, elas acontecem e podem afetar a dinâmica de prazer/sofrimento desses profissionais e, por conseguinte, a assistência prestada.

REFERÊNCIAS

AMPESE, D.; PEROSA, G.; HAAS, R. A influência da actuação da enfermagem aos pais que vivenciam a morte do feto viável. **Centro universitário de São Camilo**, v. 2, 2007. Disponível em: < http://www.saocamilo.sp.br/pdf/bioethikos/57/A_influencia_da_atuacao_da_enfermagem.pdf> . Acesso em: 0/12/2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

DEJOURS, C. Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lançman, S., Sznelwar, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2008.

GLANZNER, C.H.; OLSCHOWSKY, A.; KANTORSKI, L.P. O trabalho como fonte de prazer: avaliação da equipe de um Centro de Atenção Psicossocial. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.45, n. 3, p.716-721, 2011.

MARTINS, J.T.; ROBAZZI, M.L.C.C.; BOBROFF, M.C.C. Prazer e sofrimento no trabalho da equipe de enfermagem: reflexão à luz da psicodinâmica Dejouriana. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. v. 44, n.4, p. 1107-1111, 2010. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/40653/43868>>. Acesso em:12/09/2015.

MONTEIRO, V. L. **Perda gestacional e processo de luto: Vivências do Enfermeiro Especialista de Saúde Materna e Obstetrícia**. Dissertação (Mestrado Enfermagem de Saúde Materna, Obstetrícia e Ginecologia) - Instituto Politécnico de Viseu, 2012.